

Saliência e funções semânticas dos países de língua portuguesa e China em manuais didáticos de português língua estrangeira

Salience and semantic functions of Portuguese-speaking countries and China in Portuguese as a foreign language textbooks

Jiaqi Li¹

0000-0003-2833-9025 

Luís Filipe Barbeiro²

0000-0001-5798-2904 

Maria Helena Araújo e Sá³

0000-0002-6623-9642 

¹ Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, China.

² Instituto Politécnico de Leiria, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Portugal / CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra, Portugal.

³ Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro, Portugal.

Autor correspondente: ceciliali136188@gmail.com

Resumo. Os manuais didáticos moldam o ensino e a aprendizagem de línguas, conferindo visibilidade às entidades discursivas mobilizadas, neste caso, aos países e atribuindo-lhes papéis semânticos através das escolhas discursivas adotadas. O presente estudo analisa a saliência e as funções semânticas dos nomes dos países de língua portuguesa e da China em quatro manuais de Português Língua Estrangeira (PLE), dois editados na China e dois em Portugal. É teoricamente enquadrado pela Linguística Sistémico-Funcional, designadamente pela categorização de processos e funções semânticas, no nível oracional e sintagmático. Metodologicamente, foi construída uma base de dados com os nomes dos países e os contextos oracionais e sintagmáticos em que surgem, analisando-se a frequência dos termos e os processos e funções a eles associados. Nos resultados obtidos, Portugal salienta-se entre os países lusófonos, seguido do Brasil e de Angola; a China surge igualmente em posição saliente nos manuais chineses. Os países surgem representados de forma multifacetada, desempenhando funções como Portador e Identificado, em processos relacionais, valor de localização (Atributo, Circunstância ou Classificador), mas também como Ator e Meta, em processos materiais, e Fenómeno, em processos mentais. Esta diversidade reflete a complexidade do conceito de país, que inclui dimensões de território, pessoas, história, cultura e sociedade, podendo assumir funções semânticas correspondentes.

Palavras-chave: Funções semânticas. Países de língua portuguesa. China. Manuais didáticos de PLE.

Abstract. Textbooks shape language teaching and learning, by giving visibility to the discursive entities mobilised, in this case, the countries and assigning them semantic roles through discursive choices. The present study examines the salience and semantic functions of the names of Portuguese-speaking countries and China in four Portuguese as a Foreign Language textbooks, two published in China and two in Portugal. It is theoretically framed by Systemic Functional Linguistics, specifically through the categorisation of processes and semantic functions at the clausal and phrasal levels. Methodologically, a database was built including the country names and their clausal and phrasal contexts, analysing the frequency of the terms and the processes and functions associated with them. The results show that Portugal is the most salient, followed by Brazil and Angola, while China also occupies a prominent position in the Chinese textbooks. The countries are represented in a multifaceted way, performing roles such as Carrier and Identified in relational processes, the semantic value of location (Attribute, Circumstance, or Classifier), as well as Actor and Goal in material processes and Phenomenon in mental processes. This diversity reflects the complexity of the concept of country, which encompasses dimensions of territory, people, history, culture, and society, and can assume corresponding semantic functions.

Keywords: Semantic functions. Portuguese-speaking countries. China. Portuguese as a foreign language textbooks.

1. Introdução

Em contextos escolares, os manuais didáticos constituem geralmente um recurso que ocupa um lugar de destaque na sala de aula. Em relação ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, o discurso disponibilizado aos alunos é marcado por escolhas quanto às entidades neles referidas, às relações em que estas são intervenientes e às formulações discursivas que constroem o significado (Halliday & Matthiessen, 2014). Na dimensão cultural, os manuais expõem os alunos a representações de outras comunidades e culturas, podendo contribuir para o desenvolvimento da competência comunicativa intercultural (Xiang & Yenika-Agbaw, 2021; Yuen, 2011).

De acordo com Ilieva (2000)

Os manuais didáticos são construções que representam a forma como os autores (e editores) concebem a linguagem, a cultura e a aprendizagem, e a maneira como eles constroem, para fins instrucionais, um mundo integrado de novidades para a realidade dos estudantes. (p. 53; tradução nossa)

Os manuais legitimam formas seletivas de conhecimento e cultura (Apple, 1990) e são construções ideológicas: “Os textos nos manuais ajudam a definir os cânones de veracidade e, como tal, também ajudam a recriar um ponto de referência maior para o que são realmente conhecimento, cultura, crença e moralidade” (Apple, 1990, p. 20; tradução nossa). Por conseguinte, como afirma Shinabe (2018), “devemos considerar os manuais como uma fonte potencial que tem um impacto importante na compreensão dos leitores” (p. 675; tradução nossa). O discurso nos manuais didáticos de LE pode influenciar as ideias e a compreensão dos estudantes sobre o conteúdo neles apresentado, especialmente no que diz respeito às descrições de conhecimento cultural. A entidade correspondente ao “país”, tornada presente no discurso por meio dos nomes correspondentes aos diferentes países, constitui uma categoria em que assenta a construção do conhecimento (inter)cultural (Li & Barbeiro, 2023). No caso da aprendizagem de uma língua estrangeira pluricêntrica e global, como é o caso do Português (Reto et al., 2020), o seu ensino pode tornar presente esse alcance global, através, por exemplo, do aparecimento dos países de língua portuguesa no discurso. Além da saliência dada pela frequência dessa presença, surge como relevante considerar as relações que são estabelecidas, ou seja, as funções que lhes são atribuídas na construção do significado. As escolhas discursivas que manifestam essas relações correspondem a diferentes perspetivas que os manuais podem adotar para interpretar experiências (Gu, 2021) e as apresentar perante os alunos.

O presente artigo tem, assim, como objetivo analisar a saliência no discurso e as funções semânticas desempenhadas pelas ocorrências dos nomes dos países de língua portuguesa e da China em manuais didáticos de Português Língua Estrangeira (PLE) utilizados na China, incluindo manuais editados em Portugal e manuais chineses. Como se pode observar, apesar de o foco primordial estar dirigido para os países de língua portuguesa, interessa-nos, de modo particular, o contexto da aprendizagem do PLE na China. Assim, além dos nomes dos países de língua portuguesa, o estudo também se focalizou na China, enquanto país dos aprendentes, pois o país tem adquirido uma posição de relevo no ensino/aprendizagem de PLE. Esse relevo é demonstrado pelo crescimento do número de cursos de Português em universidades chinesas (Cheng, 2016; Pires, 2022a; Zhang, 2019) e pelos indicadores relativos aos candidatos aos exames do Centro de Avaliação e Certificação de Português Língua Estrangeira (CAPLE, 2020). Este crescimento conduziu à edição, na própria China, de manuais de PLE, que foram incluídos neste estudo, abrindo uma possibilidade de análise específica, por contraste com os manuais portugueses.

Para analisar as funções que os países de língua portuguesa e a China assumem no discurso dos manuais de PLE, toma-se como referência o sistema de transitividade da Linguística Sistémico-Funcional (Halliday & Matthiessen, 2014). Consideraram-se, especificamente, os tipos de processos, os participantes e as circunstâncias a que os

países indicados surgem associados, no nível oracional, e as funções desempenhadas quando ocorrem no nível interno aos sintagmas.

As questões de investigação em foco são, assim:

- a) quais os países que se tornam mais salientes nos manuais analisados?
- b) com que frequência são referidos e com que papéis discursivos e semânticos?
- c) em relação aos indicadores analisados, surgem diferenças nas representações dos países lusófonos em comparação com a China?

2. Enquadramento teórico

2.1. A Linguística Sistémico-Funcional (LSF)

A escola de pensamento conhecida como “Funcionalismo” defende a pesquisa da natureza e dos mecanismos operacionais da linguagem a partir de uma perspetiva funcional. Nesse contexto, a Linguística Sistémico-Funcional, cuja figura de proa foi M.A.K. Halliday, destaca-se como a abordagem mais vigorosa e influente (Tang, 2016, p. 44).

De acordo com Halliday (1994), a linguagem constitui um sistema semiótico social, ou seja, um recurso para a construção de significado em contextos de interação humana. A Linguística Sistémico-Funcional considera três principais metafunções que a linguagem desempenha para satisfazer as necessidades sociais humanas nessa interação: função ideacional (corresponde ao uso da linguagem para representar o ambiente, a realidade existente ou imaginada, sendo a função construtiva dos sistemas de conhecimento e crença), função interpessoal (uso da linguagem para estabelecer a relação com os outros) e função textual (construção do discurso falado ou escrito como texto coerente e unificado, tornando uma passagem textual diferente de uma lista aleatória de frases).

A função ideacional está em relevo neste texto. Corresponde ao uso da linguagem para representar a realidade existente ou imaginada, configurando a experiência humana e os sistemas de conhecimento ou crença. Para Halliday e Matthiessen (2014), o sistema de transitividade corresponde à dimensão representativa da função ideacional, a qual assenta em seis tipos de processos: processos materiais, processos mentais, processos relacionais, processos verbais, processos comportamentais e processos existenciais. Os processos constituem o núcleo da oração, a qual, por sua vez, é composta por três categorias de elementos: o processo, os participantes e as circunstâncias.

No presente estudo, a análise semântica das ocorrências de países de língua portuguesa e China tem por base a metafunção ideacional, que está relacionada com a

forma como a linguagem retrata a experiência utilizando estruturas linguísticas (Halliday & Matthiessen, 2014). A linguagem, vista como uma forma de representação, usa aspetos léxico-gramaticais para expressar como as pessoas representam as suas experiências, sejam elas do mundo externo ou de sua própria consciência.

2.2. O sistema de transitividade

Como referido, a função ideacional remete para a representação do mundo na linguagem, configurada por meio do sistema de transitividade. Este sistema representa a experiência através de elementos correspondentes aos processos do mundo externo e do mundo interno aos participantes nos processos e aos elementos circunstanciais em que os processos se desenrolam (Halliday, 1973; Halliday & Matthiessen, 2004). Assim, a transitividade organiza as experiências percebidas pelo falante, estabelecendo relações entre os processos, os participantes e as circunstâncias, o que permite a criação de uma visão tanto do mundo externo, quanto do mundo interno. O sistema de transitividade inclui três elementos básicos: os processos, expressos sobretudo por verbos, descrevendo os eventos ou estados representados na oração; os participantes no processo, expressos por um ou mais nomes ou grupos nominais; e, por fim, um ou mais elementos circunstanciais, formados por sintagmas ou grupos adverbiais ou preposicionais.

2.2.1. Processos

O sistema de transitividade compreende uma série de processos que nos ajudam a entender o mundo. Inclui os seis tipos de processos já referidos: materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais (Halliday & Matthiessen, 2014), que, no seu conjunto, dão conta da experiência humana:

- i) os *processos materiais* dizem respeito à representação ou construção na linguagem do mundo externo, abrangendo as ações das pessoas e os eventos que ocorrem no mundo objetivo; como Halliday e Matthiessen (2014) referem, “as orações ‘materiais’ são as de fazer e acontecer: uma oração ‘material’ constrói uma mudança no fluxo de eventos como ocorrendo através de algum input de energia” (p. 224; tradução nossa nesta e nas restantes citações desta secção), como na frase “Com o crédito da China, Angola **construiu** igualmente mil quilómetros de [linhas de transmissão de energia elétrica]...” (MPF, LA, Vol.4, p. 129);
- ii) os *processos mentais* remetem para o nosso mundo interno, representando como percebemos o mundo externo; “as orações ‘mentais’ estão relacionadas com a nossa experiência do mundo e com a nossa própria consciência” (Halliday

& Matthiessen, 2014, p. 245), como se verifica na frase “Já no Brasil, **preferem** um ‘Alô’.” (MPF, LP, Vol.1, p. 33);

iii) os *processos relacionais* descrevem as características de pessoas ou coisas e desempenham um papel de identificação; por conseguinte, “as orações ‘relacionais’ servem para caracterizar e identificar” (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 259), como aqui: “O estudo do Lin Xiao em Portugal **é** muito intenso.” (MPEU, LA, Vol.2, p. 105);

iv) os *processos comportamentais* estão relacionados com “os comportamentos fisiológico e psicológico (tipicamente humano), como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar fixamente” (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 301); estes processos são “os menos distintos de todos os seis tipos de processos porque não têm características próprias claramente definidas; são, em parte, semelhantes aos materiais e, em parte, aos mentais” (p. 301), por exemplo, “Os jovens portugueses **casam** perto dos trinta anos.” (MPF, LP, Vol.1, p. 49);

v) os *processos verbais* correspondem às ações ou orações de *dizer* (Halliday & Matthiessen, 2014); segundo Gouveia (2009), “os processos verbais são processos de dizer e de comunicar e incluem não apenas verbos de enunciação (*pedir, dizer, mandar, perguntar, afirmar, etc.*), mas também processos semióticos que não são necessariamente verbais, como *mostrar* ou *indicar, ...*” (p. 32), por exemplo, “O médico **disse** que não foi nada de grave.” (MCPC, LA, Vol.2, p. 39);

vi) os *processos existenciais* expressam que “algo existe ou acontece” (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 307), ou seja, “predica-se a existência de alguma coisa” (Gouveia, 2009, p. 32), que pode ser uma entidade concreta ou abstrata, por exemplo, “Em Portugal **há** dois teatros nacionais, o Dona Maria II, em Lisboa, e o São João, no Porto.” (MCPC, LA, Vol.4, p. 53).

No presente estudo, um dos focos da análise será dirigido para os tipos de processos em relação aos quais os países de língua portuguesa e a China são chamados a desempenhar funções, designadamente enquanto participantes, mas também enquanto circunstâncias.

2.2.2. Participantes

Os participantes constituem elementos inerentes aos significados dos processos. Assim, para diferentes tipos de processos, existem diferentes participantes.

No que toca aos processos materiais, os dois principais participantes diretamente envolvidos são *Ator* e *Meta*. Ator corresponde à entidade que realiza ações ou atividades, sendo o sujeito lógico. Meta é o ser “afetado pela performance do processo

material de alguma forma: o resultado é registado em Meta em primeira instância, e não no Ator” (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 226; tradução nossa). Existem outros participantes que podem ocorrer com processos materiais, como o *Beneficiário*, que corresponde ao participante que beneficia do processo, como vemos em “O **Wang Gang** (Ator) ofereceu uma **prenda** (Meta) ao **Li Ming** (Beneficiário), desejando-lhe feliz aniversário.” (MPEU, LA, Vol.1, p. 253). Os processos relacionais podem ser atributivos, apresentando os participantes *Portador* (participante com algumas características) e *Atributo* (característica atribuída a um outro participante), ou identificativos, cujos participantes são o *Identificado* (entidade que recebe a identificação) e *Identificador* (identidade atribuída ao elemento identificado), por exemplo, “**Guimarães (Portador)** é uma **lindíssima cidade (Atributo)** no Norte de Portugal.” (MPF, LA, Vol.1, p.130) e “**Portugal** (Identificado) é um **grande país** (Identificador) e os portugueses um grande povo.” (MPF, LP, Vol.2, p. 76). Os processos verbais apresentam os participantes *Dizente* e *Verbiagem*. Dizente é o objeto ou ser humano responsável pelos processos verbais. Verbiagem é a “declaração nominalizada” do processo verbal (Eggins, 2004, p. 235; tradução nossa), ou seja, um elemento que manifesta os processos verbais, como “O **médico** (Dizente) disse que **não foi nada de grave** (Verbiagem).” (MCPC, LA, Vol.2, p. 39). Os processos comportamentais “têm apenas um participante, o Comportante, que tem consciência humana” (Gouveia, 2009, p. 33), como se verifica em “Os **jovens portugueses** (Comportante) casam perto dos trinta anos.” (MPF, LP, Vol.1, p. 49). Nos processos existenciais, há apenas um participante, o *Existente*, como no exemplo “Em frente da casa da Sofia há **um jardim** (Existente).” (MPF, CE, Vol.1, p. 56).

Entre as questões de investigação apresentadas para o estudo, emerge a de saber, em associação com os diferentes tipos de processos, quais os papéis de participantes que são atribuídos aos países de língua portuguesa e à China.

2.2.3. Circunstâncias

Em relação aos elementos circunstanciais, como Halliday e Matthiessen (2014) referem, estes situam-se na periferia do sistema de transitividade. Na maioria dos casos, os elementos circunstanciais são elementos opcionais, ou seja, não são essenciais aos processos. No entanto, nalgumas construções, as circunstâncias são inerentes aos processos. É o que acontece com as construções com verbos de movimento (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 243).

Quanto aos tipos de elementos circunstanciais, Halliday e Matthiessen (2014) consideram nove categorias principais (que podem subdividir-se em valores mais específicos, que são indicados entre []) nalgumas das exemplificações seguintes): Extensão, Localização, Modo, Causa, Contingência, Acompanhamento, Papel, Assunto

e Ângulo. *Extensão* visa construir “a extensão do desenrolar do processo no espaço e no tempo” (p. 314, tradução nossa), por exemplo “**Durante o ano de estudo em Portugal**, o Lin Xiao participou em várias visitas de estudo organizadas pelo Departamento de Português.” (MPEU, LA, Vol.2, p. 377). *Localização* refere-se ao lugar no espaço-tempo onde o processo ocorre, como “Ele vai estudar **em Portugal** a fim de que ... a cultura portuguesa.” (MPF, LA, Vol.3, p. 65). *Modo* indica como o processo é realizado, por exemplo “E..., converso muito com eles **através do MSN**.” [*meio ou instrumento*] (MPEU, LA, Vol.2, p. 360). *Causa* visa explorar a razão pela qual os processos são realizados, como “**A convite do Governo português**, um grupo de estudantes chineses de português vai a Portugal para fazer uma visita de estudo.” (MPEU, LA, Vol.2, p. 296). *Contingência* procura as condições envolvidas na ocorrência dos processos, como “**Apesar das expectativas iniciais dos portugueses**, [*concessão*] ..., rapidamente se verificou que estes nossos ‘amigos’ estavam mais interessados em saquear do que em concentrar-se no ataque final a Lisboa.” (MPF, LA, Vol.4, p. 154). *Acompanhamento* exprime um tipo de participação conjunta no processo, como “**Com o seu colega, ou grupo de colegas**, debata os temas que se seguem, tendo em conta o quadro abaixo.” (MPF, LA, Vol.3, p. 61). *Papel* expressa, na oração, atributos e valores correspondentes aos estatutos com que os participantes estão envolvidos no processo, por exemplo “Ela fala português **como um português**.” (MPEU, LA, Vol.1, p. 165). *Assunto* incide “sobre o quê”, sobretudo em ligação a processos verbais e mentais, como “**Em relação à alimentação dos portugueses**, qual das seguintes frases não se pode considerar um estereótipo?” (MPF, CE, Vol.4, p. 70). Quanto ao Ângulo, corresponde à “fonte”, indicando a origem do que é expresso, como “**Segundo um estudo efetuado em Portugal**, ..., 60% dos alunos portugueses confirma casos de bullying nas suas escolas.” (MPF, LA, Vol.4, p. 35).

O desempenho de funções semânticas circunstanciais por parte dos países de língua portuguesa e da China constituirá também um dos aspetos em análise.

2.3. Funções no nível sintagmático

Nos parágrafos anteriores, apresentámos a estrutura básica do sistema de transitividade, correspondente à organização na oração de processos e de funções semânticas correspondentes a participantes e a circunstâncias. No entanto, o nível oracional não dá conta de todas as funções para a construção do significado. Dentro dos sintagmas, designadamente dos grupos nominais, os elementos linguísticos (como os correspondentes aos nomes dos países) podem ocorrer em níveis hierárquicos mais específicos e aí desempenhar outras funções também relevantes para a construção do significado e para a análise que será apresentada no presente texto.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), dentro dos grupos nominais, identificam-se diversas funções, como Deítico, Epíteto, Numerativo, Foco, Classificador e Qualificador. Consideraremos as funções que seriam suscetíveis de ser desempenhadas pelos nomes dos países no âmbito do grupo nominal: Foco, Classificador e Qualificador.

Estas funções recebem as seguintes caracterizações, por parte de Caels (2016), na sua análise dos grupos nominais:

- i) *Foco*: corresponde à entidade principal no grupo nominal, servindo como o núcleo ao redor do qual as outras informações são organizadas; o Foco estabelece a base para o significado central do grupo nominal; no presente estudo, o Foco é constituído pelos nomes dos países de língua portuguesa e China;
- ii) *Classificador*: categoriza a entidade principal, definindo as suas características específicas e estabelecendo relações sistemáticas de composição e classificação, com recurso a adjetivos, grupos preposicionais ou frases; ao recorrer ao Classificador, o discurso delimita subclasses, em relação ao significado geral do núcleo (Martin & Rose, 2007), por exemplo “Um gostinho de **Portugal**” (MPF, LA, Vol.3, p. 130);
- iii) *Qualificador*: adiciona informações adicionais, detalhando características, propriedades ou circunstâncias associadas à entidade principal, por meio de sintagmas preposicionais ou frases que ocupam geralmente o último lugar no grupo nominal, ou seja, após eventuais Classificadores e Epítetos (Halliday & Matthiessen, 2014; Caels, 2016); pode ser estruturado de forma recursiva, introduzindo múltiplos níveis de detalhe; esta função enriquece o grupo nominal com descrições detalhadas e contextuais, proporcionando uma compreensão mais profunda e abrangente do Foco em causa; possibilita a apresentação de uma visão mais ampla e aprofundada da entidade, por exemplo “Esta pesquisa visa caracterizar as universidades **chinesas** em termos de utilização da Internet.” (MCPC, LA, Vol.3, p. 126).

Para diferenciar as funções de Classificador e Qualificador, podemos recorrer ao critério mencionado por Halliday e Matthiessen (2014):

Classificadores não aceitam graus de comparação ou intensidade – não podemos ter um comboio mais elétrico ou um comboio muito elétrico; e tendem a ser organizados em conjuntos mutuamente exclusivos e exaustivos – um comboio é ou elétrico, ou a vapor, ou a diesel. (p. 337; tradução nossa)

As funções anteriores podem ser desempenhadas no âmbito de grupos sintáticos que integram os nomes dos países, como, por exemplo, grupos preposicionais, tal e qual acontece na construção (*a história*) *de Portugal*. Além destas funções, em que os nomes dos países são chamados a classificar ou qualificar um outro Foco, é também relevante, para o nosso estudo, a atribuição de valores semânticos aos próprios países, enquanto o Foco de um grupo nominal expandido, o que inclui as funções de Classificador e Qualificador e também a de Epíteto, que podem incidir sobre os nomes dos países.

A função de Epíteto indica “alguma qualidade do subconjunto, por exemplo, *velho, longo, azul, rápido*; uma vez que as qualidades são denotadas por adjetivos, os Epítetos são frequentemente realizados por adjetivos” (Halliday & Matthiessen, 2014, p. 376; tradução nossa). Por exemplo, em “um país calmo”, “calmo” desempenha a função de Epíteto apresentando a característica do país.

2.4. Saliência

O conceito de *saliência* emerge sobretudo nas análises da semiótica visual (Kress & van Leeuwen, 1996) e da linguística de *corpus* (Stubbs, 1996). Na semiótica visual, corresponde à capacidade de um elemento atrair a atenção de quem vê, por exemplo, na escrita, por meio do tamanho relativo, da forma, da cor, do contraste, etc. (Sharples, 1999, p. 134). No caso da linguística de *corpus*, a *saliência* está relacionada com a visibilidade de um termo. Essa visibilidade resulta, na dimensão quantitativa da sua frequência absoluta e da sua distribuição ao longo de um texto ou nos textos de um *corpus* (Stubbs, 1996). Pode também resultar na dimensão qualitativa das funções que um elemento é chamado a desempenhar no discurso. Por sua vez, complementarmente, o desempenho de funções por um elemento pode ser olhado sob uma perspectiva de análise quantitativa.

Neste estudo, o conceito de *saliência* será utilizado enquanto instrumento analítico próximo da metodologia da linguística de *corpus*. Será colocada em relevo a dimensão quantitativa, manifestada pela frequência que os elementos em análise alcançam no *corpus* e a sua distribuição ou presença nas diferentes unidades dos manuais. A dimensão qualitativa será tida em conta nas funções semântico-discursivas desempenhadas por esses elementos, a que se associa também a perspectiva quantitativa.

3. Metodologia

3.1. *Corpus*

Para o presente estudo, foi constituído um *corpus* com recurso à ferramenta informática *Antconc* (Anthony, 2024). O *corpus* incluiu os manuais de PLE *Português*

para *Ensino Universitário* (MPEU), *Curso de Português para Chineses* (MCPC), editados na China, e *Português XXI* (MPXXI), *Português em Foco* (MPF), editados em Portugal (as informações básicas relativas a estes manuais são apresentadas no Anexo). De acordo com um inquérito realizado por Pires (2022b), os manuais publicados na China com maior utilização são o MPEU e MCPC. Para além destes, destaca-se o MPXXI, traduzido e publicado em 2019 pela Imprensa Comercial da China, no âmbito da importação de séries internacionais de ensino de línguas, o que confirma a sua relevância no ensino de PLE na China. Contudo, a análise de manuais portugueses exigia um *corpus* mais abrangente, que não se limitasse ao nível inicial. Com efeito, o MPXXI apenas cobre os níveis A1, A2 e B1 (três volumes, conforme indicado no anexo). Neste sentido, optou-se por integrar o manual *Português em Foco*, cuja coleção é mais completa (quatro volumes, do nível A1 ao C2). Importa ainda referir que, no ensino de PLE na China, circulam outros manuais internacionais com diferentes propósitos, como os publicados no Brasil, materiais orientados para fins profissionais ou ainda preparatórios para os exames do CAPLE. Todavia, o presente trabalho não pretende oferecer uma descrição exaustiva do campo, mas sim uma análise exploratória.

As ferramentas de pesquisa do *Antconc* permitiram fazer o levantamento de todas as ocorrências em português dos nomes dos países de língua portuguesa e da China nos manuais indicados. Encontradas as ocorrências dos países, foi construída uma base de dados que incluiu, para além dos nomes, o contexto oracional em que surgem, a fim de possibilitar a identificação das funções semânticas que desempenham. Ao todo, foram contabilizadas 1578 ocorrências dos nomes em português de países de língua portuguesa (Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste) e da China.

3.2. Análise

Realizou-se uma análise integrada das perspetivas quantitativa e qualitativa. A análise incidiu sobre a frequência dos termos (absoluta e normalizada por cem páginas) e o tipo de processos a que surgem associados e sobre as funções ou papéis semânticos que desempenham enquanto participantes em relação aos processos ou enquanto circunstâncias (Halliday & Matthiessen, 2014). Os processos são realizados tipicamente por meio de verbos como núcleos das orações, mas também, com recurso a metáforas gramaticais, por meio de outras classes de palavras, designadamente nomes (nominalizações) e adjetivos (adjetivalizações).

Foi ainda integrado na análise o nível interno aos sintagmas e as funções aí desempenhadas por relação com o núcleo sintagmático, quando o termo não recebe diretamente a sua função semântica no nível oracional. Não foram consideradas, na análise semântica, os casos de ocorrências isoladas dos nomes dos países.

4. Resultados

4.1. Frequência dos nomes dos países

A Tabela 1 apresenta três indicadores relativos à presença de países nos quatro manuais analisados: o número total de menções a países, a frequência normalizada de menções (por 100 páginas) e o número de unidades em que os países são mencionados no conjunto dos volumes do manual (o número total de unidades do manual é indicado na linha de cabeçalho).

Podemos observar na Tabela 1 que nos manuais portugueses Portugal é o país mais representado, considerando tanto a frequência absoluta como a normalizada. A dispersão das menções por diferentes unidades também reforça a posição de Portugal, mostrando a sua presença constante em diversos contextos dos manuais. Nos manuais chineses, a presença de Portugal é menos saliente mas continua a ser o país mais representado em comparação com outros países lusófonos.

A China, por seu lado, apresenta uma saliência quantitativa diferenciada nos manuais portugueses e chineses. Os resultados da Tabela 1 mostram a sua centralidade nos manuais chineses para o processo de ensino-aprendizagem do português, mas essa saliência específica perde-se nos recursos para o ensino do português que não são especificamente concebidos para o contexto da China.

Depois de Portugal, o Brasil ocupa a segunda posição das referências entre os países lusófonos, considerando os valores globais, o que expressa a sua relevância no contexto do ensino do português numa perspetiva global e pluricêntrica.

Segue-se Angola, com uma posição também muito saliente em termos de resultados globais e com a particularidade de, no caso do manual MPF, os valores da frequência absoluta e normalizada serem superiores aos do Brasil, embora a dispersão pelas unidades seja mais restrita.

Outros países lusófonos, como Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Timor-Leste, apresentam relativamente menos saliência, especialmente nos manuais chineses. Estes países lusófonos surgem com menções ocasionais e concentradas, sem grande dispersão temática, o que limita a sua visibilidade. Nos manuais chineses, a sua representação é ainda mais reduzida, com valores residuais e, em alguns casos, quase inexistentes, o que evidencia a pouca saliência que lhes é atribuída no contexto do ensino do português na China, ao contrário do que acontece com o Brasil e Angola.

Tabela 1. Indicadores de frequência e distribuição de menções aos países da língua portuguesa e à China nos manuais analisados

Países	Manuais portugueses		Manuais chineses		Total
	MPXXI	MPF	MPEU	MCPC	
	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º
	norm. un. (144)	norm. un. (168)	norm. un. (68)	norm. un. (100)	norm. un. (480)
Portugal	253	505	78	128	964
	23.6	30.1	8.3	11.5	73.5
	45	116	24	45	230
China	3	26	85	95	209
	0.3	1.6	9.1	8.6	19.6
	2	12	24	45	83
Brasil	56	30	37	66	189
	5.2	1.8	3.9	5.9	16.8
	22	25	19	28	94
Angola	44	49	12	7	112
	4.1	2.9	1.3	0.6	8.9
	8	11	9	6	34
Cabo Verde	18	14	1	0	33
	1.7	0.8	0.1	0.0	2.6
	7	7	1	0	15
Moçambique	12	16	1	2	31
	1.1	1.0	0.1	0.2	2.4
	8	9	1	2	20
S. Tomé e Pr.	10	3	3	0	16
	0.9	0.2	0.3	0.0	1.4
	6	3	2	0	11
Guiné-Bissau	5	6	1	1	13
	0.5	0.4	0.1	0.1	1.1
	3	3	1	1	8
Timor-Leste	5	4	1	1	11
	0.5	0.2	0.1	0.1	0.9
	3	4	1	1	9
Global	406	653	219	300	1578
	37.9	39.0	23.3	27.0	127.2
	104	190	82	128	504

A forte saliência de “Portugal” nos manuais analisados evidencia que estes materiais não apenas transmitem conteúdos linguísticos, mas também projetam valores e posicionamentos de forma implícita. Este resultado permite perspetivar a representação dos países à luz do conceito de currículo oculto (Apple, 1990), em consonância com o que a análise destes manuais também revelou para a representação de género (Li, Barbeiro & Sá, 2025), na linha dos resultados de outros estudos sobre representação de género em manuais escolares (Lee, 2014). Ao privilegiar Portugal como referente central, constrói-se uma hierarquia que naturaliza a variedade europeia

como legítima e normativa, relegando outras variedades lusófonas para posições secundárias. Algo semelhante é apresentado por Keles e Yazan (2020), com base na análise da representação das culturas e comunidades do mundo em cinco edições de um manual de ensino de inglês, mostrando que esse manual constrói as culturas de língua inglesa sobretudo como ocidentais, europeias e anglo-americanas, posicionando, em contrapartida, outras culturas como periféricas (p. 18). Essa centralidade atua como mecanismo de legitimação cultural e política, através do qual os aprendentes interiorizam, muitas vezes de forma inconsciente, uma visão assimétrica da lusofonia. Nos manuais chineses, contudo, observa-se um movimento distinto: a “China” surge com uma frequência que rivaliza ou mesmo supera a de Portugal. Este dado revela que também aqui opera um posicionamento, mas em sentido inverso, reforçando a identidade e o espaço de pertença dos aprendentes. A inclusão destacada do país dos estudantes não é apenas uma escolha didática de proximidade, mas uma forma de validar simbolicamente a experiência dos aprendentes e de os inscrever no universo da língua-alvo.

4.2. Funções semânticas

Na Tabela 2 são apresentadas as frequências das funções semânticas desempenhadas pelas ocorrências dos nomes dos países, considerando as funções de Participante em relação aos processos, de Circunstância e a função desempenhada na estrutura interna dos sintagmas, quando a função é desempenhada nesse nível e não no nível oracional.

Tabela 2. Funções semânticas dos países

Países	Participante		Circunstância		Função interna no sintagma		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Portugal	256	61.0	325	59.1	377	64.3	958	61.6
China	48	11.4	73	13.3	83	14.2	204	13.1
Brasil	46	11.0	90	16.4	52	8.9	188	12.1
Angola	41	9.8	34	6.2	34	5.8	109	7.0
Cabo Verde	7	1.7	6	1.1	18	3.1	31	2.0
Moçambique	8	1.9	14	2.5	7	1.2	29	1.9
São Tomé e Príncipe	6	1.4	1	0.2	8	1.4	15	1.0
Guiné-Bissau	5	1.2	4	0.7	3	0.5	12	0.8
Timor-Leste	3	0.7	3	0.5	4	0.7	10	0.6
Global	420	27.0	550	35.3	586	37.7	1556	

Na globalidade, os nomes dos países ocorrem com maior frequência enquanto funções internas no sintagma nominal, atingindo 586 ocorrências. Seguem-se as Circunstâncias, com 550 ocorrências. Finalmente, surgem as funções de Participantes

processuais, com 420 ocorrências. A distribuição pelos três tipos de funções abrange todos os países.

4.2.1. Processos e Participantes

A Tabela 3 apresenta as funções de Participante desempenhadas pelos países para cada tipo de processo.

Globalmente, observa-se a preponderância dos processos relacionais, com uma proporção de 58,8%, quando se considera a configuração do processo e respetivos participantes. Seguem-se os processos materiais, com 33,8%. Em qualquer destas categorias, Portugal continua a salientar-se. Num patamar de frequência bastante inferior, surgem os processos mentais, enquanto os restantes tipos de processos apresentam ocorrências residuais.

Em relação aos processos materiais, as ocorrências de participantes repartem-se pelas funções de Ator e de Meta, com pesos globais aproximados. No seu conjunto, os processos em que os países desempenham a função de Ator são bastante diversificados, compreendendo 48 verbos diferentes para as 69 ocorrências. As frequências acima de um (1) incluem *fazer*, *oferecer*, *competir*, *construir*, *estabelecer*, *exportar*, *importar*, *envelhecer*, *nascer*, *lançar*, etc.

Tabela 3. Funções de Participante desempenhadas pelos países nos diferentes tipos de processos

Processo	Participante	País									Global
		Portugal	Brasil	China	Angola	Moçambique	Cabo Verde	São Tomé e Príncipe	Guiné - Bissau	Timor - Leste	
		n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	n.º	
Material	Ator	38	4	12	11	0	0	1	2	1	69
	Meta	41	15	6	4	1	1	1	1	1	71
	Beneficiário	1	0	1	0	0	0	0	0	0	2
Relacional	Portador	48	12	16	11	3	4	3	2	1	100
	Atributo	85	14	12	14	4	0	0	0	0	129
	Identificado	18	0	0	0	0	0	0	0	0	18
Mental	Experienciador	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
	Fenómeno	19	1	1	1	0	1	0	0	0	23
Verbal	Dizente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	Verbiagem	1	0	0	0	0	1	0	0	0	2
Existencial	Existente	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Comport.	Comportante	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1

A atribuição da função de Ator aos próprios países corresponde a uma estratégia de objetivação e espacialização (van Leeuwen, 1998, 2008), ou seja, aos países são atribuídos processos, ações que, na realidade, foram desempenhados pelos seus habitantes. Deste modo, os países constituem conceitos unificadores e são tomados como se fossem entidades homogêneas e autónomas, ocultando a diversidade de atores sociais, os interesses em jogo e a complexidade das relações de poder que moldam esses processos. Na base desta estratégia, encontra-se o facto de o conceito de país incluir diversas dimensões, designadamente a que se refere ao território geográfico, mas também a relativa aos seus habitantes, que partilham, em alguma medida, uma história e uma cultura comum e que desenvolveram um sentido de pertença (del Gaudio & Pereira, 2013; Kuijper, 2022). O conceito de país permite, assim, construir um discurso que veicula uma representação unificada.

Considerando a diversidade de processos e a sua distribuição alargada, a representação, enquanto Atores, dos países, designadamente dos que ocorrem mais frequentemente no *corpus*, é também ela diversificada. Englobando o território, os habitantes, a história e a cultura, o *país* constitui uma entidade que se molda às diversas esferas de atividade para construir essa representação unificada em relação às ações e acontecimentos correspondentes aos processos materiais. Merece menção o facto de, no *corpus* formado pelos manuais analisados, ainda que a sua frequência não seja elevada, alguns processos ocorrerem associados apenas a um país, contribuindo para o associar aos processos em causa e para alargar a complexidade envolvida na sua representação. Tal acontece, em relação a Portugal, por exemplo, com o processo *envelhecer* (com 3 oc., ex.: *Portugal está a envelhecer* – MPXXI e MCPC), *nascer* (com 3 oc., ex.: *Em 1143 nasce Portugal* – MPF e MPXXI) e *viver* (com 2 oc., *A população portuguesa é maioritariamente católica devido sobretudo à tradição e às circunstâncias históricas que Portugal teve e viveu no passado* – MPF).

A função de Meta é também atribuída aos países num número diversificado de processos (*visitar, governar, ligar, apresentar, fazer, fundar*, etc.). Destaca-se a frequência alcançada por *visitar*, com 14 ocorrências, das quais nove são relativas a Portugal, quatro à China e uma a São Tomé e Príncipe. Para os restantes processos, a frequência varia entre quatro e uma. Em relação ao processo *visitar*, com um valor semântico associado a deslocação, a tomada dos países como Meta remete para a dimensão de território, já referida como uma das vertentes definidoras de *país*. Pela sua multidimensionalidade, as outras vertentes, como a população e a cultura, ficam também abrangidas pelo processo. Numa outra camada semântica de *visitar*, associada ao turismo, por meio desta função, os países são representados como merecedores de serem visitados, o que constitui uma forma de relacionamento com estas entidades que está em relevo no mundo contemporâneo.

Os processos relacionais descrevem as propriedades, as características ou as atribuições de uma entidade. No conjunto dos quatro manuais, este tipo de processo, tendo como Participantes os países de língua portuguesa ou a China, apresentam 247 ocorrências, ocupando o primeiro lugar em termos de frequência. Em muitos casos, estão em foco os próprios países, por meio das funções Portador (100) e Identificado (18),

sendo feita a sua descrição ou caracterização. Por outro lado, a ligação a um país constitui um traço caracterizador de outras entidades, enquanto Atributo (129), em construções como ... *ser de Portugal/, estar/ ficar em Portugal/ Brasil/ China*, etc. Como estas construções evidenciam, a localização no território correspondente ao país constitui um traço relevante para a caracterização de entidades. No *corpus*, essa relevância do Atributo de localização, como acontece na oração “*O Markus está em Portugal.*”, torna-se manifesta por uma frequência de 94 ocorrências, entre as quais se salienta Portugal, com 69 ocorrências, mas que também abrange outros países, como o Brasil (9), a China (9), Angola (5), Moçambique (2).

Por sua vez, os países também podem ser objeto de caracterização, enquanto participantes com as funções de Portador ou Identificado, recebendo Atributos e traços Identificadores. Os atributos recebidos podem ter origem nas mais variadas áreas. No caso de Portugal, a frequência alcançada (48 oc.) favorece essa diversidade. Contribuem, assim, para a sua caracterização, atributos ligados à gastronomia (*doces conventuais* – MPF; *país ideal para se comer toda a espécie de peixes e mariscos, desde as lagostas e sardinhas ao atum e bacalhau* – MPEU; *país de vinhos* – MPEU; *tem uma variedade de comidas típicas, como cozido à portuguesa, caldo verde, bacalhau, entre outras* – MCPC), o clima (*bom* – MPF), a história (*independente desde...* – MPF; *imperial* – MPF; *monarquia até 1910* – MPF), a economia (*bons preços* – MPF), a arte e património (*Cante Alentejano* – MPF), a área (*país pequeno* – MPXXI e MPEU); a localização geográfica (*na Europa* – MPEU e MCPC); a demografia (*tem hoje mais população idosa* – MPXXI); o ambiente social (*um país moderno e livre* – MPF); etc.

Mesmo com frequências inferiores, também os outros países apresentam diversidade de áreas para a sua caracterização por meio de Atributos. Por exemplo, a China surge caracterizada por atributos ligados à área (*grande* – MPEU); à demografia (*população enorme* – MPEU; *tem cinquenta e seis etnias* – MCPC); à localização geográfica (*fica na Ásia* – MPEU); à economia (*possui riquezas incalculáveis* – MCPC), à vida social (*é agora um país aberto ao mundo* – MPEU), etc. Considerando os atributos referidos em relação a Portugal e à China, ressalta-se que Portugal é visto como um país pequeno, com uma grande riqueza cultural, gastronómica e histórica, caracterizado por ser acolhedor, moderno e com uma identidade forte. A China, por outro lado, é percebida como um país vasto e diverso, com grandeza respeitante à área geográfica, população e economia, e que, nos últimos tempos, passou a abrir-se mais ao mundo.

Enquanto Identificados, os países recebem traços Identificadores. No *corpus*, a identificação dos países, apresentando 18 ocorrências, é construída em relação a Portugal, o que manifesta a sua saliência. Os traços identificadores referem-se à sua história (*(foi) dono de metade do mundo* – MPXXI); localização geográfica (*a nação mais a ocidente do continente europeu* – MCPC); posição relativa no conjunto dos países do mundo, em diversas áreas, como o turismo (*o décimo lugar como destino turístico mais seguro do mundo* – MPF), economia (*o maior produtor de cortiça e de seus produtos no mundo* – MCPC), vida social (*segundo em antidiscriminação* – MPXXI; *o sexto país que mais permite a obtenção de nacionalidade* – MPXXI), etc.

Os identificadores relativos a Portugal, entre os quais os acima mencionados, selecionam para a sua identificação traços que ressaltam uma imagem positiva e, nalguns

casos, enaltecedora (Abdollahzadeh & Baniasad, 2010; Gómez Rodríguez, 2015; Ilieva, 2000). Este aspeto encontra-se em conformidade com o que foi encontrado por Wu (2010), que realizou uma análise de conteúdo de um manual didático de inglês como língua estrangeira. Este autor coloca em causa esta opção dos manuais em relação à imagem dos países que veiculam, assente predominantemente em aspetos favoráveis. Argumenta que esta pode levar os estudantes a formarem preconceitos, resultando em estereótipos sobre o país-alvo (sejam eles positivos ou negativos). No entanto, numa perspetiva diferente, Gray (2010) considera que esta visão positiva pode despertar nos alunos uma maior curiosidade pela língua e cultura-alvo, aumentando a sua motivação para a aprendizagem.

Os processos mentais apresentam 26 ocorrências, recebendo os países as funções de Experienciador (3 oc.) e, sobretudo, de Fenómeno (23 oc.) em relação ao qual é expressa a percepção de outras entidades. A função de Experienciador é atribuída, no *corpus*, a Portugal, em relação ao processo *gostar* (2) e *decidir* (1). Tal como já foi encontrado para a função de Ator, nos processos materiais, a atribuição da função de Experienciador aos países corresponde a uma estratégia de objetivação e espacialização (van Leeuwen, 1998, 2008) para a representação dos participantes (*Portugal gosta de se reunir* – MPF; *Portugal está numa encruzilhada e tem de **decidir** para onde quer ir* – MPF).

Quando os países desempenham a função de Fenómeno, os processos que se destacam são relativos à cognição, *conhecer* (12 oc.), e à afetividade, *amar* (5), *apaixonar-se por* (1). Portugal continua a salientar-se com 19 ocorrências, mas outros países também estão presentes, como o Brasil (1), a China (1), Angola (1) e Cabo Verde (1). Neste estudo, as ocorrências de processos mentais expressam principalmente o conhecimento e a atitude ou opinião do Experienciador em relação a um país (com a função de Fenómeno), sendo o Experienciador aqui uma referência genérica ou específica a “pessoas” que têm conhecimento e afeto por um país. Os processos associados ao Brasil, à China, a Angola e a Cabo Verde são todos “conhecer”. Já no caso de Portugal, além de “conhecer”, há também processos que expressam fortes sentimentos, como já referido antes, “amar” e “apaixonar-se por”, projetando igualmente, desta forma, uma imagem positiva do país. Realça-se novamente que o conceito de *país* permite construir o relacionamento cognitivo ou afetivo com uma realidade multifacetada e complexa, tomando-a de forma unificada.

4.2.2. Circunstâncias

Como referido antes, os países podem desempenhar a função de Circunstâncias nas orações. Nos manuais do nosso *corpus*, são as seguintes circunstâncias que os países de língua portuguesa e China veiculam: Localização, Extensão, Acompanhamento, Assunto e Ângulo. A Tabela 4 apresenta as respetivas frequências.

Tabela 4. Circunstâncias desempenhadas pelos países da língua portuguesa e China

Países	Localização		Extensão		Acompanhamento		Assunto		Ângulo		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Portugal	317	97.8	1	0.3	3	0.9	2	0.6	1	0.3	324	58.9
China	72	98.6	0	0.0	1	1.4	0	0.0	0	0.0	73	13.3
Brasil	88	96.7	0	0.0	1	1.1	1	1.1	1	1.1	91	16.5
Angola	34	100.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	34	6.2
Cabo Verde	6	100.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	6	1.1
Moçambique	13	92.9	0	0.0	0	0.0	1	7.1	0	0.0	14	2.5
São Tomé e Pr.	1	100.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	1	0.2
Guiné-Bissau	4	100.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	4	0.7
Timor-Leste	3	100.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	0	0.0	3	0.5
Global	538	97.8	1	0.2	5	0.9	4	0.7	2	0.4	550	

Conforme se pode observar na Tabela 4, há um domínio quase absoluto da circunstância de Localização com uma proporção de 97,8%. Os valores alcançados mostram que a Localização com base nos países é uma função que se salienta nas suas ocorrências nos manuais. Esta função está diretamente associada à dimensão definidora de país constituída pelo território.

Como afirmam Halliday & Matthiessen (2014), a Localização não tem de ser estática, mas pode surgir associada ao movimento, remetendo para a origem, o percurso e o destino do movimento (p. 315). Efetivamente, no *corpus*, a função de Localização expressa em relação a processos de movimento tem uma presença saliente, designadamente em combinação com os verbos *ir* (*a/ para*), *vir* (*de/ para*), *entrar* (*em*), *fugir* (*para/ de*), *partir* (*de*), *sair* (*de/ para*), *mudar* (*para*). A função de Localização espacial associada a processos de movimento representa quase um terço das ocorrências (102), correspondendo as restantes à Localização espacial estática nos países.

Em relação aos países, Portugal continua a apresentar preponderância, nos manuais analisados, quanto à localização dos processos nos diversos países de língua portuguesa ou na China. Seguem-se, como noutros indicadores, o Brasil e a China.

4.2.3. Funções internas ao sintagma

As funções semânticas desempenhadas pelos países em foco não se esgotam no nível oracional enquanto participantes de processos e circunstâncias. Como foi apresentado na Tabela 2, uma parte muito saliente dessas funções é desempenhada no nível sintagmático. Nas numerosas ocorrências encontradas neste nível (586), os nomes dos países desempenham a função de Classificador, ou seja, servem de base para o estabelecimento de subclasses, delimitadas pelo país, dentro de uma categoria geral.

Tal como apresentámos em relação às características que incidem sobre os países em análise, enquanto Atributos e Identificadores em processos relacionais, efetuámos também o levantamento de traços semânticos que são atribuídos aos países, no interior do Grupo Nominal, através de Epítetos ou outras funções. O levantamento efetuado revelou que essa atribuição não é muito frequente. Na totalidade, apresenta sete

ocorrências, que incidem sobre Portugal (6) e a China (1). No caso de Portugal, destaca-se a delimitação por meio do Classificador que remete para a realidade geográfica do país, por meio da construção “*Portugal continental*” (4); os outros casos correspondem ao “*bem-amado*” e ao Classificador “*dos tempos modernos*”. A China surge caracterizada por meio do “*dragão asiático*”. Em relação a estas funções, continua a observar-se a relevância do traço geográfico para construir o conhecimento relativo aos países, neste caso para dar conta da subdivisão entre Portugal continental e insular, e a continuação da descrição dos países nos manuais, designadamente de Portugal e da China, por meio de traços predominantemente positivos. O Epíteto “*bem-amado*” e o Classificador “*dos tempos modernos*” criam uma imagem de Portugal como um país amado e progressista. Também quando a China é chamada de “*dragão asiático*”, a imagem transmite força, evoca o crescimento rápido, uma história e cultura ricas, e também liderança, recorrendo a uma imagem figurativa poderosa da cultura chinesa, o dragão. O dragão simboliza o poder, a sabedoria e a grandeza da China. A categorização da cultura nativa (chinesa) é favorável para promover o desenvolvimento da autoconfiança cultural dos estudantes chineses (Zhang & Yu, 2020).

Através da análise das funções semânticas desses países referidos nos manuais, observa-se que Portugal não só é mais mencionado (saliência quantitativa), mas também ocupa múltiplos papéis discursivos — espaço de vida, de estudo, cultural, histórico, turístico e literário —, o que lhe atribui forte densidade semântica e ideológica. A China, embora invisível nos manuais portugueses, assume, nos manuais chineses, funções de relevo (identidade dos aprendentes, economia, tecnologia, diplomacia), reforçando a sua centralidade discursiva nesse contexto. O Brasil também revela saliência qualitativa nos manuais chineses, sendo associado à cultura, política, economia e ensino da língua. Em contraste, outros países da língua portuguesa apresentam não apenas baixa saliência quantitativa, mas também uma saliência qualitativa limitada, geralmente restrita a papéis geográficos, históricos ou turísticos.

5. Conclusão

O presente estudo foi orientado pelas questões relativas à saliência alcançada pelos nomes dos países de língua portuguesa e da China em manuais de PLE, utilizados no contexto chinês e pelas funções a que surgem associados. Os resultados da análise realizada mostraram que as referências aos países da língua em aprendizagem, a língua portuguesa, perpassam os manuais analisados. O nível de saliência alcançado pelos diferentes países em causa é diferente. As referências a Portugal ocupam um lugar predominante, sendo seguidas, num segundo patamar, das referências ao Brasil e a Angola. Os restantes países de língua portuguesa surgem numa posição com valores bastante mais baixos e diminutos. Embora o português seja uma língua pluricêntrica, a forma como os diferentes países de língua portuguesa são representados nos manuais de PLE não torna esta característica evidente. O lugar preponderante atribuído a Portugal constitui-o, em grande medida, como cultura-alvo (Cortazzi & Jin, 1999), enquanto os restantes países, sobretudo os africanos mais periféricos, são praticamente invisíveis. Os resultados encontrados estão em conformidade com os resultados dos estudos dos de

manuals de inglês como língua estrangeira (Liu, Zhang & May, 2022; Zhang, Li & Chang, 2022), nos quais os Estados Unidos da América e Reino Unido, países ocidentais, se salientam como a principal representação da cultura-alvo. Neste sentido, a forte ênfase em Portugal, contrastando com a quase ausência de outros países lusófonos, reflete uma visão restrita da lusofonia e contribui para a marginalização de contextos culturais periféricos, limitando a percepção da pluralidade cultural e intercultural dos aprendentes.

Além dos países de língua portuguesa, o país dos estudantes, a China, também esteve em foco na análise. Os resultados revelam uma saliência diferente, quanto à frequência do nome deste país, entre os manuais portugueses e chineses. As referências à China nos manuais portugueses são bastante inferiores, face às que ocorrem nos manuais chineses. Nestes, as referências são numerosas e, num dos manuais, chegam a suplantar as referências a Portugal. Este resultado reflete a abordagem ou estratégia diferenciada que preside à elaboração dos manuais nos dois casos. Enquanto os manuais portugueses se dirigem a um público estudantil universal, provindo de países muito diversos, os manuais chineses têm como foco os estudantes da própria China. Este facto permite ativar a estratégia de mobilizar o conhecimento da própria cultura, espaço físico e sociedade em que vivem os estudantes chineses para a aprendizagem da língua e da(s) cultura(s) que constituem o alvo dessa aprendizagem. Tal abordagem é feita nos manuais chineses, contextualizando, na própria sociedade e cultura, a aprendizagem da língua-alvo e estabelecendo relações com a cultura, vida em sociedade e contexto físico do país nativo dos estudantes. Este resultado aponta para uma implicação relevante: o facto de os manuais construídos numa perspetiva abrangente e universal, cujos públicos-alvo são grupos mais amplos, de origens e nacionalidades diversificadas, estarem limitados quanto à ativação das culturas de origem, emergindo daí o papel relevante do professor, que estabelece essas relações com a cultura, a sociedade e contexto físico dos próprios estudantes.

Em relação aos processos e respetivas funções semânticas, os resultados comprovam a flexibilidade e a natureza multifacetada da realidade associada à entidade *país*. Predominam os processos relacionais e neles os países podem desempenhar as funções de Portador e Identificado, mas também de Atributo. Enquanto Atributos, os países permitem a caracterização de entidades, por meio da localização. Este traço caracterizador tem por base a dimensão de *território*, que integra o conceito de *país* (Kuijper, 2022). A localização surge também em realce por ser a função que os países são chamados a desempenhar preponderantemente no discurso, enquanto circunstâncias, e por emergir também, de forma relevante, no âmbito dos sintagmas, para estabelecer subclasses, respeitantes aos países, em relação a categorias gerais. Enquanto Portadores e Identificados, os traços caracterizadores e identificadores que os países recebem provêm de áreas diversificadas da realidade, o que reitera a complexidade do conceito que, à dimensão do território, agregou outras dimensões como a relativa aos seus habitantes, à vida em sociedade, à cultura, à história, etc., integrando-as em si. Através da apresentação dos Atributos e Identificadores de Portugal e da China, foi observada a construção de uma imagem predominantemente positiva da cultura-alvo, Portugal (um país com uma variedade cultural rica e com uma posição reconhecida no mundo), e da cultura nativa, a China (um país vasto, diversificado e com um enorme potencial). Este tipo de descrição

que faz sobressair um lado positivo pode apresentar tanto vantagens como desvantagens para os aprendentes. A vantagem é que pode aumentar a confiança dos alunos na sua própria cultura de origem e despertar a curiosidade pela cultura-alvo, estimulando assim a sua motivação para aprender. A desvantagem é que pode levar à criação de estereótipos sobre os países.

A natureza complexa e multifacetada das funções dos países leva a que os países não participem apenas nos processos relacionais. Além destes, surgem em relevo nos resultados os processos materiais e as funções que lhes estão associadas. Os países não desempenham apenas a função de Meta (por exemplo, em relação ao processo *visitar*), mas também a de Ator, assumindo atribuições que não se circunscrevem à dimensão do território, mas cujos participantes são os seus habitantes, as pessoas, numa estratégia de objetivação e espacialização (van Leeuwen, 1998, 2008) adotada para a representação destes atores sociais. Enquanto Atores, os processos em que os países participam são bastante diversificados, refletindo a flexibilidade e natureza multifacetada do conceito unificador de país. O facto de o estudo ter abrangido um *corpus* de numerosos textos e ocorrências num conjunto de manuais faz ressaltar a diversidade das funções desempenhadas pelos países, em contraste com estudos que incidiram sobre textos particulares, que encontraram a especificidade dos processos associados a determinadas entidades e perspetivas, ou seja, a ocorrência de determinados tipos de processos, sobretudo para algumas entidades. É que acontece com o estudo de Gu (2021), sobre o Massacre de Nanquim, nos manuais de história chineses e japoneses. Os resultados da sua análise revelam um contraste quanto aos tipos de processos usados, predominando o recurso aos processos materiais, relacionais e verbais na construção do discurso segundo a perspetiva chinesa, enquanto vítimas, e o recurso a processos mentais e relacionais para atenuar, disfarçar e neutralizar o massacre nos manuais japoneses. A transitividade da LSF é utilizada como método de análise para explicar a representação dos malaios e dos britânicos durante a colonização e a independência nos manuais didáticos da história, em alguns anos do ensino secundário. Os resultados da análise de Rajandran (2013) fazem sobressair o contraste de perspetivas em relação à independência e à colonização, contraste que se reflete na oposição entre “nós” e “eles” e na construção de um retrato positivo dos malaios, face a um retrato negativo dos britânicos. O facto de, no nosso estudo, a vertente positiva sobressair em relação aos países diretamente envolvidos na aprendizagem de PLE e referidos nos manuais, designadamente os da cultura-alvo e da cultura nativa, constitui o campo da aprendizagem de línguas como um campo unificador. Ele é tomado como tal nos manuais, ou seja, como um campo comum que congrega interesses mútuos dos aprendentes e dos países da língua em causa, o que se reflete na adoção dessa perspetiva positiva.

Um contributo empírico relevante deste estudo é evidenciar a consciencialização, a partir de evidências quantitativas e qualitativas, da centralidade de Portugal nestes manuais de PLE e da sub-representação dos restantes países lusófonos. Também se evidencia o papel do contexto cultural dos aprendentes, como ilustrado pela ênfase na China nos manuais destinados a estudantes chineses. Estes resultados permitem compreender melhor as tendências de representação nos materiais de ensino e fundamentar intervenções pedagógicas. As representações nos manuais podem

influenciar a perceção dos aprendentes sobre os países e culturas estudadas. A valorização de alguns países e a invisibilização de outros pode reforçar estereótipos e limitar a construção de competência intercultural. Do ponto de vista pedagógico, cabe aos professores problematizar os conteúdos, promovendo discussões críticas sobre as representações apresentadas e trazendo para a sala de aula outras perspetivas e vozes ausentes (Kramsch, 1993; Guilherme, 2002). Estratégias possíveis incluem propor atividades de comparação entre países lusófonos, integrar materiais autênticos provenientes de diferentes comunidades da CPLP e incentivar os alunos a refletirem criticamente sobre estereótipos culturais. Desta forma, a sala de aula torna-se um espaço de valorização da diversidade cultural, permitindo desenvolver não apenas a proficiência linguística, mas também uma competência intercultural mais ampla, plural e reflexiva (Weninger & Kiss, 2013).

Assim sendo, o facto de o estudo incidir apenas sobre quatro manuais constitui uma limitação evidente, a qual impede a generalização de resultados. A essa limitação, juntam-se outras, como a identificação das funções dos países baseada em análise manual, exigindo forte intervenção interpretativa, e a não inclusão no *corpus* de manuais publicados noutros países de língua portuguesa. Estudos futuros poderiam recorrer a técnicas computacionais mais robustas, ampliar o *corpus* e incluir entrevistas a autores e professores de PLE, aprofundando a compreensão das escolhas discursivas e suas implicações pedagógicas.

Contribuição dos autores: O Autor 1 contribuiu com a conceitualização, metodologia e redação (rascunho original). O Autor 2, com a análise formal dos dados, incluindo a reorganização e o planeamento do procedimento analítico, bem como para a redação (revisão e edição) do manuscrito. O Autor 3, com a supervisão, redação (revisão e edição) da versão final do manuscrito.

Financiamento: Esta pesquisa não recebeu financiamento de nenhuma agência de financiamento público.

Disponibilização de dados: Os dados que sustentam este estudo estão disponíveis mediante solicitação ao autor correspondente.

Referências

- Abdollahzadeh, E., & Baniasad, S. (2010). Ideologies in the imported English textbooks: EFL learners and teachers' awareness and attitude. *Journal of English Language Teaching and Learning*, 2(217), 1–17. https://elt.tabrizu.ac.ir/article_624.html
- Anthony, L. (2024). *AntConc* (Version 4.2.4) [Computer Software]. Waseda University. <https://www.laurenceanthony.net/software>
- Apple, M. W. (1990). The text and cultural politics. *The Journal of Educational Thought (JET) / Revue de La Pensée Éducative*, 24(3A), 17–33. <http://www.jstor.org/stable/23768190>
- Caels, F. (2016). *Os textos de ciências na disciplina de PLNM: uma abordagem baseada*

- em género* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Lisboa].
<https://repositorio.ulisboa.pt/entities/publication/c2429145-e8e9-45eb-aece-5c50feca5def>
- CAPLE (2020). Estatística: exames de português língua estrangeira.
<https://caple.lettras.ulisboa.pt/estatisticas>
- Cheng, C. (2016). *A comunicação intercultural ao nível da intervenção pedagógica no ensino do português como língua estrangeira a alunos chineses na China* [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa].
<https://run.unl.pt/handle/10362/17075>
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2017). *Português em foco, nível b1, livro do aluno*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2018). *Português em foco, nível a1/a2, livro do aluno*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2018). *Português em foco, nível b2, livro do aluno*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2019). *Português em foco, nível c1, livro do aluno*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2020). *Português em foco, nível a1/a2, caderno de exercícios*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2021). *Português em foco, nível a1/a2, livro do professor. 2.^a edição aumentada*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2021). *Português em foco, nível b1, livro do professor. 2.^a edição aumentada*. LIDEL.
- Coelho, L., & Oliveira, C. (2021). *Português em foco, nível c1, caderno de exercícios*. LIDEL.
- Cortazzi, M., & Jin, L. (1999). Cultural mirrors: materials and methods in the EFL classroom. In E. Hinkel (Ed.), *Culture in second language teaching and learning* (pp. 196–219). Cambridge University Press.
- Del Gaudio, R. S., & Pereira, D. B. (2013). A polissemia em torno do vocábulo pays/país: entre escalas, estados e nações. *Boletim Goiano de Geografia*, 33(2), 185–201.
<https://doi.org/10.5216/bgg.v33i2.25554>
- Eggins, S. (2004). *An introduction to systemic functional linguistics* (2nd ed.). Continuum.
- Gómez Rodríguez, L. (2015). The cultural content in EFL textbooks and what teachers need to do about it. *Profile: Issues in Teachers' Professional Development*, 17(2), 167–187. <https://doi.org/10.15446/profile.v17n2.44272>
- Gouveia, C. A. M. (2009). Texto e gramática: uma introdução à linguística sistémico-funcional. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, 16(24). <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/27795>
- Gray, J. (2010). The branding of English and the culture of the new capitalism: representation of the world of work in English language textbooks. *Applied Linguistics*, 31(5), 714–733. <https://doi.org/10.1093/applin/amq034>
- Guilherme, M. (2002). *Critical citizens for an intercultural world: foreign language education as cultural politics*. Multilingual Matters.
- Gu, X. (2021). Nanjing massacre in Chinese and Japanese history textbooks: transitivity and appraisal. *Critical Discourse Studies*, 19(4), 418–434.
<https://doi.org/10.1080/17405904.2021.1886956>
- Halliday, M. A. K. (1973). *Explorations in the functions of language*. Edward Arnold.
- Halliday, M. A. K. (1994). *An introduction to functional grammar* (2nd ed.). Edward

- Arnold.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2004). *An introduction to functional grammar* (3rd ed.). Edward Arnold.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C. M. I. M. (2014). *Halliday's introduction to functional grammar* (4th ed.). Routledge.
- Ilieva, R. (2000). Exploring culture in texts designed for use in adult ESL classrooms. *TESL Canada Journal*, 17(2), 15–20. <https://doi.org/10.18806/tesl.v17i2.889>
- Keles, U., & Yazan, B. (2020). Representation of cultures and communities in a global ELT textbook: a diachronic content analysis. *Language Teaching Research*, 27(5), 1325–1346. <https://doi.org/10.1177/1362168820976922>
- Kramsch, C. (1993). *Context and culture in language teaching*. Oxford University Press.
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (1996). *Reading images: the grammar of visual design*. Routledge.
- Kuijper, H. (2022). *Comprehending the complexity of countries: the way ahead*. Springer.
- Lee, J. F. (2014). A hidden curriculum in Japanese EFL textbooks: gender representation. *Linguistics and Education*, 27, 39–53. <https://doi.org/10.1016/j.linged.2014.07.002>
- Liu, Y., Zhang, L. J., & May, S. (2022). Dominance of Anglo-American cultural representations in university English textbooks in China: a corpus linguistics analysis. *Language, Culture and Curriculum*, 35(1), 83–101. <https://doi.org/10.1080/07908318.2021.1941077>
- Li, J., & Barbeiro, L. F. (2023). O conhecimento (inter)cultural veiculado num manual didático chinês de PLE: conteúdos e percurso de aprendizagem. *Rotas a Oriente. Revista de estudos sino-portugueses*, 3, 137–159. <https://doi.org/10.34624/ro.v0i3.31945>
- Li, J., Barbeiro, L. F., & Sá, M. H. A. (2025). Gender representation in Portuguese as a foreign language textbooks used in china. *Journal of Language Teaching and Research*, 16(4), 1434–1444. <https://doi.org/10.17507/jltr.1604.36>
- Martin, J. R., & Rose, D. (2007). *Working with discourse: meaning beyond the clause* (2nd ed.). Continuum.
- Pires, M. D. J. (2022a). Português na China: os números do ensino superior. *Revista Thema*, 21(3), 602–614. <https://doi.org/10.15536/thema.V21.2022.602-614.2442>
- Pires, M. D. J. (2022b). *Português no ensino superior da China: os estudantes chineses de mobilidade de crédito em Portugal e o ensino para a interação cultural* [Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/-10451/54737>
- Rajandran, K. (2013). Us and them: the portrayal of Malaysians and British in Malaysian history textbooks. *Journal of Asian and African Studies*, 48(3), 313–331. <https://doi.org/10.1177/0021909612455473>
- Reto, L., Crespo, N., Esperança, J. P., Espanha, R., & Valentim, F. (2020). *O essencial sobre a língua portuguesa como ativo global*. Imprensa Nacional-Casa de Moeda.
- Sharples, M. (1999). *How we write: writing as a creative design*. Routledge.
- Shinabe, N. (2018). Revealing a hidden curriculum in educational discourses: a study of the representation of Europe and Asia in Spanish and Japanese school textbooks. *Discourse & Society*, 29(6), 674–690. <https://doi.org/10.1177/0957926518802963>

- Stubbs, M. (1996). *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. Blackwell.
- Tang, L. (2016). 美国大报之中中国形象的语料库语言学方法辅助下的批评话语分析 [Corpus-Assisted Critical Discourse Analysis of China's image in the US Broadsheets]. Gāoděng jiàoyù chūbǎnshè (Higher Education Press).
- Van Leeuwen, T. (1998). A representação dos actores sociais. In E. Pedro (Org.), *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional* (pp. 169–222). Caminho.
- Van Leeuwen, T. (2008). *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. Oxford University Press.
- Weninger, C., & Kiss, T. (2013). Culture in English as a foreign language (EFL) textbooks: a semiotic approach. *TESOL Quarterly*, 47(4), 694–716. <https://doi.org/10.1002/tesq.87>
- Wu, J. (2010). A content analysis of the cultural content in the EFL textbooks. *Canadian Social Science*, 6(5), 137–144. <https://doi.org/10.15642/NOBEL.2022.13.1.67-82>
- Xiang, R., & Yenika-Agbaw, V. (2021). EFL textbooks, culture and power: a critical content analysis of EFL textbooks for ethnic Mongols in China. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, 42(4), 327–341. <https://doi.org/10.1080/01434632.2019.1692024>
- Xu, Y., & Zhang, W. (2012). 葡萄牙语综合教程 学生用书 2 [Curso de português para chineses livro do aluno 2]. Shànghǎi wàiyǔ jiàoyù chūbǎnshè (Shanghai Foreign Language Education Press).
- Xu, Y., & Zhang, W. (2014). 葡萄牙语综合教程 学生用书 3 [Curso de português para chineses livro do aluno 3]. Shànghǎi wàiyǔ jiàoyù chūbǎnshè (Shanghai Foreign Language Education Press).
- Xu, Y., & Zhang, W. (2016). 葡萄牙语综合教程 学生用书 4 [Curso de português para chineses livro do aluno 4]. Shànghǎi wàiyǔ jiàoyù chūbǎnshè (Shanghai Foreign Language Education Press).
- Ye, Z. (2009). 大学葡萄牙语 1 [Português para ensino universitário 1]. Wàiyǔ jiàoxué yǔ yánjiū chūbǎnshè (Foreign Language Teaching and Research Press).
- Ye, Z. (2010). 大学葡萄牙语 2 [Português para ensino universitário 2]. Wàiyǔ jiàoxué yǔ yánjiū chūbǎnshè (Foreign Language Teaching and Research Press).
- Yuen, K. M. (2011). The representation of foreign cultures in English textbooks. *ELT Journal*, 65(4), 458–466. <https://doi.org/10.1093/elt/ccq089>
- Zhang, H. (2019). *Avaliação de competência intercultural: estudantes universitários chineses de PLE* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37240>
- Zhang, H., & Yu, R. (2020). 大学英语教材中华文化呈现研究 [Representation of Chinese culture in China's College English]. *Wàiyǔ jiàoyù yánjiū qíányán (Foreign language education in China)*. 3(3), 42–48.
- Zhang, H., Li, X., & Chang, W. (2022). Representation of cultures in national English textbooks in China: a synchronic content analysis. *Journal of Multilingual and*

Multicultural Development, 45(8), 3394–3414.
<https://doi.org/10.1080/01434632.2022.2099406>

[recebido em 21 de dezembro de 2024 e aceite para publicação em 24 de novembro de 2025]

Anexos

1. Anexos 2024

Informações básicas sobre os quatro manuais didáticos analisados do PLE

Manuais didáticos	Livro (Volumes)	Autores	Anos de publicação (diversos volumes)	Editor (país)
Português em Foco (MPF)	Livro do Professor (1–4) Livro do Aluno (1–4) Caderno de Exercícios (1–4)	Luísa Coelho Carla Oliveira	2017–2021	Lidel (Portugal)
Português XXI (MPXXI)	Livro do Professor (1–3) Livro do Aluno (1–3) Caderno de Exercícios (1–3)	Ana Tavares	2012, 2013, 2014, 2017, 2018	Lidel (Portugal)
Português para Ensino Universitário (MPEU)	Livro do Professor (1–2) Livro do Aluno (1–2)	Ye Zhiliang	2009, 2010, 2012	<i>Foreign Languange Teaching and Research Press</i> (China)
Curso de Português para Chineses (MCPC)	Livro do Professor (1–2) Livro do Aluno (1–4)	Xu Yixing Zhang Weiqi	2012, 2015, 2016	<i>ShangHai Foreign Language Education Press</i> (China)